



ENTREVISTA COM

DAVID ZAMBRANO

CRISTIANE BOUGER para RELÂCHE – REVISTA ELETRÔNICA DA CASA HOFFMANN | 2004

Barcelona in 48 Hours, de Anja Hitzenberger, Edward Ratliff & David Zambrano
Performers: Mat Voorter e David Zambrano
Fotografia © Anja Hitzenberger | anja@strudelmedia.com

DAVID ZAMBRANO é dançarino, coreógrafo e professor. Ele viaja incessantemente, dedicando sua vida a intercâmbios culturais e ao processo criativo da dança em cada país por onde trabalha. David lecionou e apresentou o seu trabalho em mais de 40 países na Europa, Ásia e nas Américas.

Relâche: Como surgiu a técnica *Flying-Low*?

David Zambrano: Não aconteceu em um único dia ou em um momento da minha vida. A técnica foi descoberta e desenvolvida ao longo de minha carreira, através de aquecimentos, antes dos meus ensaios e outras aulas, e, principalmente, durante as aulas que ministrei. Penso que acabei descobrindo esse trabalho por causa dos

ferimentos, que tive, por volta de 1982, nos joelhos e pés. Quando me dediquei totalmente à dança, aos 21 anos, eu fazia todos os exercícios físicos possíveis, todos os dias, como correr longas distâncias, pular cordas, dançar no ritmo da música. Dediquei-me a isso, sem saber o que significava aquecimento ou alongamento. Minha determinação era muito forte. Após um ano de trabalho físico, pessoal e árduo, tive severas dores na canela, e então os arcos inferiores do pé estouraram, tive uma bursite diária nos dois joelhos. Fiquei sem andar por seis meses. Mas não parei de me movimentar, dançar ou exercitar. Simplesmente, não o fazia em pé, na vertical. Passei a deitar no chão e continuei a dançar no plano horizontal. Rolando de um lado para outro, aos poucos comecei a usar as pernas novamente. Foi quase um método de auto-cura, quando comecei, e eu tinha 22 anos. Quando cheguei a Nova Iorque, em dezembro de 1984, meus parceiros de dança viram-me fazendo o aquecimento, e alguns disse-

ram que eu parecia estar voando baixo, *flying low*, e queriam que eu ensinasse o que estava fazendo. Foi assim que tudo começou nessa técnica mundialmente conhecida.

Assim, com meus parceiros de dança encontrei o nome para a técnica. E, como eu não gosto de voar alto devido a meu medo de viajar de avião, pensei que voar baixo era um excelente termo.

R: Você vê a improvisação como uma arte e a coreografia como uma maneira de desenvolver a improvisação. Parece que a busca da espontaneidade e a inventividade do *performer* são a base desse pensamento...

David: Sim, elas são. É como treinar a inteligência do corpo humano para ser capaz de reagir ritmicamente a qualquer ambiente onde se é exposto. Eu gosto de pesquisar repertórios de movimentos diferentes, colocá-los em capítulos e praticá-los muito bem no estúdio ou durante apresentações ao vivo. Às vezes, faço um conjunto de movimentos de coreografia, baseado em um capítulo de movimento específico, mas, muitas vezes, uso-os em minhas apresentações espontâneas. E às vezes, durante uma apresentação improvisada, toco certos estados da mente que são como portas invisíveis que se abrem para um fantástico capítulo físico novo-velho. É algo parecido com um cientista que descobre um novo microorganismo. Causa muito entusiasmo, mas não acontece sempre que danço.

R: Você já realizou intercâmbios apresentando seu trabalho e técnica em mais de 40 países. Pensando que o corpo do/da *performer* é influenciado não apenas por técnicas já apreendidas, mas também pelos contextos geográfico, político e cultural de seu respectivo país, como você percebe a recepção da técnica *flying low* nesses diferentes corpos? Há algum ponto de intersecção que independa de cultura?

David: Não tem sido difícil para muitos estudantes de dança do mundo todo imitarem os exercícios *flying-low*. Imitar as formas do corpo humano é muito fácil para milhões de bailarinos. Nós, humanos, somos imitadores fantásticos; melhores que macacos. No entanto, a compreensão dos princípios de qualquer técnica—não apenas da técnica *flying-low*—e ser capaz de associá-los com sua dança cotidiana e com a vida é a coisa mais difícil de aprender e ensinar. Associar esta com aquela é muito difícil para milhões de bailarinos. Também é difícil, para muitos bailarinos, aprender como usar o que estão

aprendendo na vida. Uma das minhas grandes aspirações é aprender como usar toda a experiência de vida para me ajudar e ajudar aos outros; tornar-me mais eloquente com o que eu já sei e permanecer aberto e flexível para novas experiências.

R: Parece que toda a sua inteligência corporal está relacionada à reciclagem de energia e à conexão terra-céu. Há alguma influência das artes marciais nesse pensamento?

David: Não. Eu nunca estudei artes marciais. Mas gosto de assistir a filmes de “kung-fu”. O que aprendi, aprendi na estrada, com meus professores favoritos, Simone Forti e Joan Skinner, ensinando e dançando para muitas culturas diferentes. Ou estamos aqui com tudo, ou não estamos, experimentando o agora.

R: Você acredita que, ativando a relação centro-articulações podemos encontrar a conexão que possibilita moldar a energia do corpo em qualquer forma de movimento. Como esse pensamento se relaciona com o conceito físico do movimento em espiral?

David: Esse pensamento é uma entre milhões de maneiras de abordar a questão do como formatar a energia de alguém. Da minha experiência de dança, aprender a usar completamente nossos braços e mãos, pernas e pés, cabeça e cóccix, para ajudar a nós mesmos e aos outros, em caso de emergência, tem sido crucial em meu treinamento. E as espirais estão sempre lá, dentro e fora de nós mesmos. Embora não queiramos usar o conceito de espiralado, cada parte de nosso corpo tem uma forma espiral. É a auto-estrada da vida. Mas o que acontece é que, às vezes, posso focar minha dança no conceito de espiralado e, em outras vezes, não.

R: A totalidade do corpo é explícita em seu trabalho. E, constantemente, você fala de uma integração corpórea, tempo-espaço. Como lida com esta totalidade no cotidiano? Quer dizer, há uma grande pressão da vida diária que divide direita e esquerda, frente e trás...

David: Poderia dizer que quando estou dançando, ensinando ou me apresentando, estou experimentando o agora. Quando não estou dançando, como agora, estou somente preparando o futuro e lembrando o passado. Ensinar e apresentar a dança são como meditar; cada um é cheio de vida. A rotina diária é mais difícil.

R: Você pode nos falar sobre velocidade e transparência?



David Zambrano
Fotografia © Anja Hitzberger | anja@strudelmedia.com

David: Sim. Uso a velocidade em relação a quão rápido os pensamentos podem viajar pelo corpo. Com que velocidade nós pensamos, ou melhor, com que velocidade o corpo humano pensa. É como exercitar a velocidade de nossos reflexos.

A transparência relaciona-se com a profundidade. Nós viajamos através de nossos corpos com tanta profundidade que chegamos do outro lado de qualquer situação. Tornamo-nos transparentes, e nossos pensamentos são o que a luz significa para o ar. Também é uma forma de exercitar a habilidade de alguém para tornar-se em mídia de vida: idéias, imagens, conceitos, ou muitas outras coisas. A comunicação é algo básico no meu treinamento. Nós estamos aqui por alguma razão. As coisas passam por nós neste mundo e vice-versa. Como no filme *Matrix*, também gosto de pensar que o conhecimento está em todo lugar, mas, muitas vezes, não temos a tecnologia adequada para apropriá-lo e entendê-lo. Algumas pessoas são sensibilizadas pelo conhecimento e o compreendem. Eu acredito ser uma obrigação passar este conhecimento aos outros. Talvez ajudar outros a compreender o mistério da vida. Gosto de seguir esta tradição.

R: Há uma frase introdutória sobre um dos seus trabalhos na *web* que diz: “Ele aprendeu com a ciência que as células não precisam de uma proteína líder para criar a vida”. Você pode nos falar um pouco sobre sua *dance web experience* no *The Rabbit Project* [Projeto Coelho]? Como foi trabalhar coreograficamente a exclusão de lideranças e a autonomia dos dançarinos?

David: Não excluí liderança. Liderei o grupo para aprender a liderar. Acompanhei o grupo para aprender a acompanhar. Nessa composição, aprendemos a liderar e acompanhar ao mesmo tempo em que nos movimentávamos constantemente no ambiente. Aprendemos, simultaneamente, a liderar e a acompanhar a maneira completa do outro pensar em relação à totalidade do grupo durante a dança.

R: Esse pensamento de uma composição em rede aparece claramente em alguns dos exercícios da técnica *flying-low*, possibilitando ao dançarino a liberdade de fazer escolhas em tempo integral e de alcançar níveis de atenção e presença bastante peculiares. Trata-se também de um pensamento político calcado na liberdade de ir e vir de uma cultura para outra?

David: Sim, é uma das razões. Outra razão é a influência



Performers: David Zambrano & Mat Voorter
Fotografia © Anja Hitzenberger | anja@strudelmedia.com

da nova tecnologia. Internet, *websites* e também os meus quatro anos de estudos em informática poderiam ser as outras razões pelas quais faço isso. Mas minha principal razão tem sido a descoberta da composição instantânea de um grupo. Eu apenas queria ter um grupo de dançarinos constantemente dançando, sempre ligados uns aos outros, o grupo todo, e ao ambiente onde se está dançando.

R: Atualmente, que tem sido produzido pela dança contemporânea venezuelana? Há algum foco de interesse específico ou alguma singularidade estética por parte dos grupos de dança?

David: Há mais de seis anos que não tenho visto a dança venezuelana. O que poderia dizer da minha experiência ao observar danças latinas, africanas e peças de danças de países mais pobres ou em desenvolvimento, é que em geral eles amam o drama e a política, e a dança é usada para comunicar estes temas.

R: Em *David Zambrano Invita*, de 2000, você convidou coreógrafos e bailarinos para uma improvisação conjunta. Como foi trabalhar nesse projeto? Os convidados tinham alguma afinidade com a sua técnica ou eram pessoas que



David Zambrano in *Barcelona in 48 Hours*. Um filme de Anja Hitzenberger e Edward Ratliff.
Fotografia © Anja Hitzenberger | anja@strudelmedia.com

vinham de escolas e linguagens distintas?

David: Nós não fizemos uma improvisação coletiva. Dancei com cada um de meus convidados, 30 minutos de dança espontânea com música ao vivo e 30 minutos de conversa espontânea. Tive dois convidados por noite. Alguns convidados tinham afinidade com o meu trabalho e outros não. Selecionei os convidados com base nas influências que exercemos na dança um do outro. Também eram pessoas com quem gosto de dançar e trabalhar. São pessoas cujo trabalho influenciei ou vice-versa. Fiz uma estrutura de tempo muito simples. Trinta minutos de total improvisação com música ao vivo com um, dois ou três músicos, meu convidado e eu. O grupo de músicos também era diferente. Após a dança o convidado e eu movíamos uma mesa e duas cadeiras. Sentávamos e conversávamos espontaneamente, sem qualquer preparação, não por mais de 30 minutos. Após o primeiro convidado, tive um intervalo de 10 ou 20 minutos e depois, fiz a mesma coisa com o segundo convidado.

R: Você foi o tema central do curta-metragem fotográfico

Barcelona in 48 hours, dirigido pela fotógrafa Anja Hitzenberger e pelo compositor Edward Ratliff. Como foi a sua experiência nessa produção de intermédias? Como foi a experiência de ter seu movimento capturado, transformado em imagem fotográfica e revê-lo como imagem em movimento na edição final das fotografias?

David: Foi uma experiência de dois dias inteiros no verão escaldante de Barcelona, em 1998. Tivemos grandes momentos juntos. Anja, a fotógrafa, e Edward, o compositor, acompanharam-me, por dois dias, em rotina diária. As fotografias da Anja têm sido sempre uma grande inspiração. Adoro dançar diante da sua câmera. Foi bem legal ver o filme mais tarde.

R: Alguma nova criação em processo?

David: Sim. Tenho dois novos projetos. Uma continuação de *Projecto: Conejo / The Rabbit Project* e uma continuação de *David Zambrano Invites* para dançarinos bem jovens. E muitas outras improvisações aqui e ali. ♦

David Zambrano realizou o workshop *Flying-Low* na Casa Hoffmann – Centro de Estudos do Movimento, na cidade de Curitiba, Brasil, de 3 a 8 de novembro de 2003.

David Zambrano, nascido na Venezuela, é dançarino, coreógrafo e professor. Ele viaja incessantemente, dedicando sua vida a intercâmbios culturais e ao processo criativo da dança em cada país por onde trabalha. David lecionou e apresentou o seu trabalho em mais de 40 países na Europa, Ásia e nas Américas. Foi o fundador e diretor do Festival de Danza Postmoderna, na Venezuela (1989–1993).



David Zambrano
Fotografia © Anja Hitzenberger | anja@strudelmedia.com

Relâche

Relâche – Revista Eletrônica da Casa Hoffmann
Curitiba/Brasil, 2004.

Conselho Editorial

Andrea Lerner
Beto Lanza
Cristiane Bouger
Edson Bueno
Rosane Chamecki

Entrevistas (por e-mail)

Cristiane Bouger

Revisão das Entrevistas

Rosane Chamecki
Andrea Lerner
Beto Lanza

Colaboradoras

Cristiane Bouger
Dayana Zdebsky de Cordova
Gladis Tripadalli
Michelle Moura
Olga Nenevé

Tradução das Entrevistas em Inglês e em Português

Rita Rodrigues do Rosário
Lilian Esteigleder Cabral

Revisão em Português

Lydia Rocca

Revisão em Inglês

Margarida Gandara Rauen

Criação da Logo Relâche

Sebastian Bremer

A revista eletrônica Relâche recebeu fundos da Fundação Cultural de Curitiba – FCC e da Prefeitura Municipal de Curitiba.

